

Quilombos no Brasil e a singularidade de Palmares

Maria de Lourdes Siqueira

QUILOMBOS NO BRASIL E A SINGULARIDADE DE PALMARES

O objetivo deste texto é oferecer a profissionais da Educação formal e não-formal subsídios a respeito da contribuição dos Quilombos articulados a outros diferentes núcleos de resistência ao colonialismo, à escravidão, à dominação ocidental-européia e, ao mesmo tempo, apontar para o significado dessa memória de nossos antepassados e sua continuidade afro-brasileira, na sociedade contemporânea. Essas organizações, são hoje, denominadas Comunidades Remanescentes de Quilombos.

Os Quilombos representam uma das maiores expressões de luta organizada no Brasil, em resistência ao sistema colonial-escravista, atuando sobre questões estruturais, em diferentes momentos histórico-culturais do país, sob a inspiração, liderança e orientação político-ideológica de africanos escravizados e de seus descendentes de africanos nascidos no Brasil. O processo de colonização e escravidão no Brasil durou mais de 300 anos. O Brasil foi o último país do mundo a abolir a escravidão, através de uma lei que atirou os ex-escravizados numa sociedade na qual estes não tinham condições mínimas de sobrevivência.

Quilombo é um movimento amplo e permanente que se caracteriza pelas seguintes dimensões: vivência de povos africanos que se recusavam à submissão, à exploração, à violência do sistema colonial e do escravismo; formas associativas que se criavam em florestas de difícil acesso, com defesa e organização sócio-econômico-política própria; sustentação da continuidade africana através de genuínos grupos de resistência política e cultural. (NASCIMENTO, 1980, p.32).

Desde o princípio da colonização no século XVI, os africanos escravizados se engajaram num combate firme contra a condição de escravizados em núcleos de resistência diversos. Os quilombos, entre os quais destaca-se a República de Palmares, a Revolta dos Alfaiates, Balaiada, Revolta dos Malês, entre tantos outros núcleos que continuam no pós-abolição em oposição às conseqüências da escravidão, continuam numa luta por uma liberdade que sempre lhes foi negada (NASCIMENTO, 1980).

Os Quilombos continuam sendo sociedades livres, igualitárias, justas/soberanas em busca de felicidade. Eram sociedades político-militares, que nasceram de movimentos de insurreições, levantes, revoltas armadas, proclamando a queda do sistema escravocrata. Frequentemente aqueles movimentos tomavam a forma de quilombos à semelhança de Palmares. Os quilombos existiram em múltiplos pontos do país em decorrência das lutas ocorridas em diferentes lugares onde houvesse negação de liberdade, dominação, desrespeito a direitos, acrescidas de preconceitos, desigualdades e racismo.

A dimensão dos quilombos variava de acordo com a proporção de habitantes, tamanho das terras ocupadas, e estrutura da produção agrícola organizada nos lugares onde se eram estruturados.

“O Quilombo é liberdade, fica quem vier por amor à liberdade”.

Os quilombos eram sociedades avançadas, do ponto de vista da organização, dos princípios, de valores, de práticas de socialização, de regime de propriedade.

A ARTICULAÇÃO DOS QUILOMBOS COM OUTROS NÚCLEOS DE RESISTÊNCIA NEGRA

Nessa perspectiva de articulação entre a luta dos quilombos e a densidade da resistência negra em outras iniciativas, na dinâmica do combate à escravidão, Nascimento (1980) nos relembra que a memória dos afro-brasileiros não se inicia com o tráfico de africanos escravizados, nem nos primórdios da escravização dos africanos no século XV. Ao contrário, os africanos trouxeram consigo saberes a respeito das mais diversas áreas do conhecimento: culturas, religiões, línguas, artes, ciências, tecnologias.

Africanos de diferentes grupos étnicos mesclam-se nos quilombos, como forma de resistir a uma determinação política anterior de separá-los de tudo o que significasse expressão identitárias de um povo: línguas, famílias, costumes, religiões, tradições. Tudo isso é retomado em todos os momentos da resistência quilombola, na reinvenção de políticas e estratégias de luta pela liberdade, sempre com postura crítica, face ao colonizador, ao escravocrata, ao imperialista.

Esses núcleos de resistência têm continuidade e interagem com os quilombos através de suas quilombolas tradições, valores, costumes, mitologias, rituais, formas organizativas, organização familiar, experiência de socialização, o que alguns autores denominam de comunalismo africano.

Os quilombos viviam nas florestas, nas matas, nas montanhas e, ao mesmo tempo, em contato com a sociedade envolvente que as rodeava, as vigiava, controlava e perseguia.

É a partir desses indicadores que o conceito de Quilombo transcende, ganha proporções de uma orientação para a EDUCAÇÃO, para formação de pessoas, para fortalecer a crença na riqueza das diferenças étnicas e culturais que constituem a sociedade brasileira entre indígenas originários da terra, africanos e colonizadores europeus.

Nesses contatos construía-se novos processos dentro da própria guerra, com as suas contradições inerentes aos conflitos de grupos, de interesses, de ideologias, nascidos no interior da própria estrutura.

DIFERENTES DENOMINAÇÕES DE QUILOMBOS

Quilombo – Kilombo vem de Mbundu, origem africana, provavelmente significado de uma sociedade iniciativa de jovens africanos guerreiras Mbundu – dos ImbangaLa.

Onde houve escravidão, houve resistência. E de vários tipos. Mesmo sob ameaça de chicote, o escravo negociava espaços de autonomia, fazia corpo mole no trabalho, quebrava ferramentas, incendiava plantações, agredia senhores e feitores, rebelevava-se individual e coletivamente. Houve um tipo de resistência que poderíamos considerar a mais típica da escravidão [...] trata-se das fugas e formação de grupos de escravos fugidos [...] essa fuga aconteceu nas Américas e tinha nomes diferentes: na América espanhola: Palenques, Cumbes; na inglesa, Maroons; na francesa, grand Marronage e petit Marronage [...]; no Brasil, Quilombos e Mocambos e seus membros: Quilombolas, Calhambolas ou Mocambeiros. (REIS, 1996, p.47).

Hoje, no Brasil, estudos realizados por diferentes profissionais educadores, sociólogos, antropólogos, historiadores e juristas buscam determinados critérios para denominar a luta quilombola: comunidades negras rurais, terras de pretos, remanescentes de comunidades de quilombos, hoje Comunidades Remanescentes de Quilombos compreendendo: descendentes dos primeiros habitantes da terra; trabalhadores rurais que ali mantém sua residência habitual ou permaneçam emocionalmente vinculados (LINHARES, 2002).

Os debates em torno destas designações ganham sentido, sobretudo, para efeito de medidas legais, jurídicas ou definição de direitos sociais, econômicos, políticos para os quilombolas e seus descendentes. Por exemplo, direito à legalização da terra, à moradia, à educação, à saúde, ao lazer (LINHARES, 2002).

A EXISTÊNCIA DE QUILOMBOS NO BRASIL NO ESTADO DO AMAZONAS

Os quilombos mais representativos da Região do Amazonas são os da Bacia do Rio Trombetas e do Baixo Rio Amazonas. Durante o século XIX, o quilombo Rio Trombetas esteve situado nas proximidades das Cidades de Santarém e Óbidos. Outros quilombos da Região são Inferno e Cipotena nas cabeceiras do Rio Curuá.

Os quilombos do Baixo Amazonas são relevantes, não só do ponto de vista político, mas também do econômico e social, pelo nível de desenvolvimento que alcançaram, ao realizar intercâmbios, o que lhes conferiu uma consideração especial entre os quilombos da Amazônia e em relação aos do Nordeste. O Quilombo de Trombetas chegou a reunir mais de dois mil quilombolas nas proximidades da região de Óbidos.

ESTADO DA BAHIA

No período de 1807 a 1809 diferentes grupos de africanos escravizados organizaram uma sociedade secreta denominada Og Boni, com o objetivo de lutar contra a escravidão. No decurso de vários embates, entre avanços e repressões, no ano de 1826, muitos adeptos deste combate organizam-se para criar o Quilombo do Urubu, situado nas proximidades de Salvador, que teve como principal líder uma mulher chamada Zeferina.

Outros quilombos de igual significação na Bahia foram: O Quilombo Buraco do Tatu, em Itapuã. Os chefes desses quilombos eram Antonio de Sousa, um capitão de guerra, e Teodoro, com suas companheiras, que tinham o título de rainhas. O Quilombo Buraco do Tatu durou 20 anos, até que a comunidade foi exterminada pelo autoritarismo colonial.

A Bahia conta hoje com Quilombos Contemporâneos na categoria denominada Comunidades Remanescentes de Quilombos, incluindo os quilombos urbanos engajados na luta pelo direito à terra e condições dignas de sobrevivência com auto-estima e cidadania. Uma das Comunidades Remanescentes é a de Rio das Rãs em Rio de Contas (ILÊ AIYÊ, 2000).

ESTADO DE GOIÁS - O QUILOMBO DOS KALUNGA

São histórias daqueles primeiros tempos, contadas pelo pai de seu avô, e antes dele, pelo avô de seu bisavô. Dizem que ali naquelas serras havia uma mina chamada Boa Vista. Ali os escravos trabalhavam de sol a sol, o trabalho era difícil e a vida era dura. Fugir, mas ir para onde? [...] Para o lugar mais distante onde ninguém pudesse alcançar. E isso era o que faltava nas terras de Goiás. Assim nasceu o fenômeno que hoje existe na região da Chapada dos Veadeiros, onde vive o povo Kalunga. (BRASIL, 2001, p.15).

O Quilombo dos Kalunga começa com a aliança entre os indígenas que já viviam no lugar há centenas de anos, de diversas nações: Acroá, Capepuxi, Xavante, Kaiapó, Karajá entre outros. Tratavam-se por tapivas ou compadres. No quilombo também chegavam brancos pobres. As terras eram dos próprios negros que acabavam sendo donos delas de várias maneiras. Assim iam se formando as terras de pretos. O povo Kalunga foi se estendendo pelas terras. Eles ocuparam um grande território que abrange três municípios do Estado de Goiás: Cavalcante, Monte Alegre e Teresina de Goiás (BRASIL, 2001).

Kalunga quer dizer Camundongo ou pessoa ilustre, importante. Para os povos chamado Congo ou Angola, Kalunga era uma palavra ligada às suas crenças religiosas. A partir de outra inferência, Kalunga poderia ser o ato de incorporar àqueles que passam à uma outra dimensão da vida - a força dos seus antepassados.

A vida do povo Kalunga incorpora no seu cotidiano a consciência da liberdade e o respeito sagrado pela continuidade da vida.

ESTADO DO MARANHÃO

No Maranhão, os escravizados Negro Cosme e Manuel Balaio enfrentaram o exército do Duque de Caxias, na Cidade de Caxias, a principal cidade da província - era a guerra da Balaiada, cujos núcleos de resistência tinham os mesmos objetivos dos quilombos.

A revolta dos pretos de Viana - Os quilombos, por sua vez, espalhavam-se pelas matas: grupos mais ou menos numerosos percorriam armados as estradas. Muitos pretos retornaram aos quilombos já existentes e outros formaram novas povoações (ARAÚJO, 1994).

Durante o jogo travado na fazenda Santa Bárbara, entre os insurretos e a força legal, foram aprisionados alguns quilombolas: Benedito, Vicente, Martiniano, Severino e Feliciano Costa Mato [...] A população de São Benedito variava entre 600 e 700 pessoas aproximadamente [...] é provável que a formação do Quilombo tenha se iniciado na década de 50 do século. XIX. (ARAÚJO, 1994, p.23).

Outros Quilombos do Maranhão

- Mocambo Frechal – Mirinzal.
- Turiaçu e Maracassumé.
- Pericumã.

- Itapecuru .
- Iaranjal em São Bento .

Não obstante tratem-se de dados que carecem de investigações adicionais, há referências a 92 povoados e concernem a práticas religiosas, festas de santo, danças, bumba-meu-boi e tambor-de-crioula. No seu conjunto, abarcam expressões ritualísticas, não necessariamente religiosas, que concorrem para reforçar a identidade e a coesão social nos povoados das chamadas Terras de Preto. Os colonizadores europeus começam, a partir da "chegada" dos povos africanos ao Brasil, uma ostensiva e explícita tentativa de aniquilamento das identidades culturais daqueles diferentes grupos étnicos. Haussas, Minas, Nagôs, Cabindas, Benquelas, Cassanges, Macuas, Fulas, são reduzidos culturalmente à condição de "NEGROS", seres inferiores que têm a obrigação de aprender a língua, a cultura e a religião de seus dominantes. (CENTRO DE CULTURA NEGRA DO MARANHÃO, 2002).

ESTADO DE MINAS GERAIS

Há uma tradição significativa de experiências de Quilombo no Estado de Minas Gerais. Dentre os mais importantes destacam-se o Quilombo dos Garimpeiros, o do Ambrósio, o do Sapucaí, o do Paraibuna; o de Inficionado; o de Jabuticatubas; o de Misericórdia e o de Campo Grande. Fala-se da existência de 160 quilombos na área de Minas Gerais. O mais importante é o de Campo Grande, com uma população de 20 mil quilombolas apresentando uma organização parecida com a de Palmares.

Em Minas Gerais, existiu um celeiro de quilombos. No fim do século XVII, no momento em que o Quilombo de Palmares estava sendo destruído, descobriram-se em Minas Gerais as jazidas de ouro e diamante. Desde então, até o fim do século XVII, a região das Minas constituiu-se a base geográfica e econômica do escravismo colonial brasileiro. (SIQUEIRA; CARDOSO, 1995, p.45).

ESTADO DE SÃO PAULO

O Quilombo Jabaquara, situado na região montanhosa de Santos, que se tornou a fortaleza onde se concentrava elevado número de escravizados que abandonaram em massa as plantações de café no interior da província paulista (NASCIMENTO, 1980).

ESTADO DO RIO DE JANEIRO

No interior da província fluminense, havia certo latifúndio chamado Fazenda Freguesia, na qual os escravizados se levantaram em armas. Em seguida, invadiram outras propriedades rurais e fugiram imediatamente para o seio das florestas. Seu líder, o escravo Manuel Congo, foi aclamado Rei.

ESTADO DE PERNAMBUCO

No final da década de 1820, um quilombo preocupa as autoridades, na vizinhança de Recife – O Quilombo de Catucá, liderado por Malunguinho, situado nas matas de Catucá, nas áreas que, hoje, estão entre os Bairros de Dois irmãos e Beberibe, no Município de Goiana, já nas fronteiras da Paraíba (BENJAMIN, 2004).

RIO GRANDE DO SUL

No Rio Grande do Sul, os quilombos mais reconhecidos são:

- Serra Geral
- Serra dos Tapes
- Camizão

A REPÚBLICA DE PALMARES

A história da República de Palmares mostra-se especialmente peculiar. Não se conhece, por exemplo, nenhuma fonte produzida pelos próprios palmarinos. (FREITAS, 2004).

Palmares nasceu com o perfil africano e com gentes brasis: índios, negros, brancos e mestiços. A riqueza da obra está mais no projeto social que ela nos oferece e menos na capacidade bélica e militar de Palmares e seus líderes, Ganga-Zumba e Zumbi. Em Alagoas, terra onde os organizadores e lideranças palmarinas, Aqualtune, Ganga-Zumba, Zumbi e outros fixaram a Capital Cacus, atual Serra da Barriga, desde os anos oitenta se presta homenagem a Zumbi e celebram as conquistas de todos os quilombolas que foram assassinados pelo comandante do exército português Bernardo Vieira de Melo e Domingos Jorge Velho [...], tendo na figura de Zumbi dos Palmares a personalidade mais emblemática da história do negro. Para Zumbi o ideal de liberdade e a capacidade de organização eram os princípios fundamentais para uma convivência com respeito às diferenças. (ARAÚJO, 2004).

SITUAÇÃO FÍSICA E GEOGRÁFICA DE PALMARES, ESPAÇO, ESTRUTURA

O Quilombo de Palmares: estende-se pela parte superior do Rio São Francisco uma corda de mata brava, que vem a fazer termo sobre o sertão do Cabo de Santo Agostinho correndo quase norte a sul, do mesmo modo que corre a costa do mar. Foram as árvores, principais palmeiras agrestes, que deram ao terreno o nome de Palmares. Estas palmeiras são tão fecundas para todos os usos da vida humana, que delas se faz vinho, azeite, sal, roupas; as folhas servem para cobrir casa; os ramos, para os esteios da cobertura da casa; os frutos servem de sustento; além de todos os gêneros de ligaduras e amarras.

Palmares é entrecortada por outras matas de diversas árvores. Na área Noroeste está o Mucambo de Zumbi a dezesseis léguas de Porto Calvo; ao Norte, a cinco léguas de distância, o de Aquatirene, a mãe do Rei; ao Leste, os mocambos chamados das Tobocas;

quatorze léguas ao noroeste o de Dambrabanga; ao norte deste oito léguas, a cerca chamada Subupiraé; e ao norte desta seis léguas, a cerca real chamada o macaco.

O Rei era Ganga-Zumba que quer dizer Senhor Grande – Rei e Senhor de todos os que são de Palmares, e dos que chegam. O Rei habita o Palácio com sua família e é assistido por guardas e oficiais que também têm suas casas reais.

A cidade real, O Macaco, é a metrópole entre outras cidades e povoações, toda fortificada, cercada de pau-a-pique, com mais de mil e quinhentas casas habitadas. Entre os habitantes há Ministros da Justiça que cuidavam da República.

A cidade tinha sua capela, com imagens de Menino Jesus, Nossa Senhora da Conceição e São Brás, realizavam-se casamentos, batizados, porém sem a forma determinada pela Igreja.

Logo Palmares era a cidade principal, dominada pelo Rei, e as outras cidades ficavam a cargo de potentados e casos. A segunda cidade chamava-se Subupira, onde vivia o irmão do Rei, O Lona, onde corre o rio Cachingi.

Algumas das razões por que as Entradas ao Quilombo de Palmares não conseguiam facilmente destruí-lo eram os caminhos, a falta d'água, o desconforto dos soldados, elevadas serras, matas espessas, muitos espinhos, muitos precipícios; tudo concorria para que os soldados, que levavam às costas a arma, pólvora, balas, capote, farinha, água, peixe, carne e rede para dormir, enfrentavam dificuldades, além dos rigores do frio entre as montanhas. Isso tornava quase impossível o acesso ao local do quilombo.

O grande objetivo do poder oficial era que se destruíssem os Palmares, pois assim teriam terras para a sua cultura, negros para o seu serviço e honra para a sua estimação.

Dentre as levas de ataques a Palmares registram-se o de Acaiene (Acotirene), a mãe do Rei, o desmantelamento de uma comunidade onde prenderam de uma só vez cinquenta e seis negros juntos, a maioria mulheres. Desse encontro levaram prisioneiro o Sangamuisa, Mestre de Campo da gente de Angola, e genro do Rei. Notório também foi o Mucambo de Amaro, a nove léguas de Serinhaem, com mais de mil casas, onde foi descoberto que se encontrava o Rei. Aí travaram grande cerco para fechar a saída do sítio. O Rei conseguiu escapar “tão arrojadamente, que largou uma pistola dourada e a espada que usava “estes negros que se aglomeravam com o Amaro uma parte se salvou, mataram grande número e feriram outros tantos. Cativaram mais o Anaguba com dois filhos do Rei, um chamado Zumbi, e uma filha chamada Tavianena. Pereceu também o Tuculo, filho do Rei, grande corsário, o Pacasã e o Daubi, poderosos senhores da luta quilombola”. Esses eventos abalaram Palmares. Consta, em documentos dos arquivos analisados por Freitas (2004), que a região Palmarina tinha maior circunferência que todo o reino de Portugal.

GANGA – ZUMBA

O significado da importância de Ganga-Zumba está relacionado à necessidade de compreensão da sociedade que se empenhava em destruir Palmares, principalmente os conflitos que determinaram as contradições essenciais entre escravizados e senhores de escravos.

São múltiplas as interpretações da capitulação de Ganga-Zumba.

No período de 1670 a 1687 Palmares foi governada por Ganga-Zumba, que vivia na fortaleza Quilombola do Macaco, fundada em 1642.

Ganga-Zumba em 1678 tinha firmado um tratado de paz com as autoridades coloniais, após um período de lutas entre conflitos, avanços, recuos, exercícios de destreza militar. Após várias expedições para destruição de Palmares o Governo de Pernambuco propõe um acordo que Ganga-Zumba assina em Recife. O acordo não foi cumprido o que foi considerado um equívoco político gravíssimo pelo qual Palmares pagou com a destruição do Quilombo oficial em CACAÚ e das estruturas da luta.

Zumbi foi aclamado Rei e conduziu com firmeza a luta mais emblemática dos Quilombos da América (PRICE, 1996).

ZUMBI DOS PALMARES

Zumbi, o general das armas, cujo nome significa DEUS DAS ARMAS, negro de singular valor, grande ânimo, constância admirável, e inimigo capital da dominação dos brancos. A documentação assim se refere a Zumbi: este é o mentor de todos, o mais destemido, o estorvo de nossos bons sucessos, porque a sua "indústria", "viço" e constância, a nós nos serve de embaraço e aos seus de incitamento, diz a literatura colonial (FREITAS, 2004).

É conhecido o fato de que Zumbi rebelou-se contra o pacto celebrado entre Ganga Zumba e o Estado colonial. Em decorrência, Zumbi assumiu o poder em Palmares e intensificou a luta contra os proprietários, as autoridades, o sistema colonial e a escravidão.

O Rei de Portugal escreveu uma carta ao Comandante, capitão Zumbi dos Palmares, sobre a intensidade do combate e da convicção de Zumbi à frente da luta, com o apoio dos Quilombolas, seus companheiros. Dada a recusa de Zumbi, em aceitar negociações de paz entre Palmares e o Estado colonial, depois de reorganizar o seu povo no Quilombo Real, o exército colonial, sob o comando do bandeirante Domingos Jorge Velho, circunda as áreas centrais do Quilombo de Palmares.

Na noite de 6 de fevereiro de 1694 os canhões de Domingos Jorge Velho atingiram a cerca Real de Macaco, destruindo o último reduto de Palmares.

Zumbi aos 39 anos de idade, combatente há 25, conseguiu escapar com vida, mas foi finalmente capturado, lutando sem hesitação.

Este fato ocorreu no dia 20 de novembro de 1695. O corpo de Zumbi foi levado para a Cidade de Porto Calvo. Hoje, no Brasil, o dia 20 de novembro é o dia Nacional da Consciência Negra em homenagem à figura emblemática do herói nacional, Zumbi dos Palmares, e sua herança político-civilizatória, pela construção de uma nova sociedade, onde as diferenças tenham suas liberdades respeitadas e sua dignidade reconhecida (SIQUEIRA; CARDOSO, 1995).

A ORGANIZAÇÃO SOCIAL E POLÍTICA DE PALMARES

A organização social e política de Palmares refletia os princípios, valores, costumes, tradições e religiões de um Estado africano, com estrutura, organização, hierarquia e socialização.

1) O coletivismo econômico dos palmarinos – tudo é de todos, nada é de ninguém, tudo que plantam e colhem é depositado em mãos do Conselho.

2) A existência de instituições políticas.

3) O Conselho de Justiça – recebe as queixas familiares e da Repúblicas que são analisadas “sem recurso”.

4) A prática religiosa: nos quilombos havia capela, imagens, celebravam-se casamentos e batizados, mas eram guardadas as culturas e expressões religiosas africanas e/ou indígenas próprias.

5) A organização familiar – há existência do direito ao sistema matrilinear. Os homens habitam juntos a casa da mesma esposa, onde tudo é compartilhado.

6) A divisão e uso da terra. Todos têm direito ao uso das terras e os frutos do que plantam e colhem é depositado nas mãos do Conselho de Maiorais, inclusive o que fabricam em suas tendas. O Conselho reparte com cada um segundo as necessidades de sua sobrevivência. O núcleo familiar era a unidade básica da organização social e formação individual e coletiva.

7) Conselho de Maiorais. Todos os Maiorais são escolhidos em reunião pelos negros que vivem nos Mocambos. Mas, o Maioral principal é escolhido só pelos Maiorais. O Maioral principal (assim era chamado à época pela linguagem dos documentos, que era portuguesa) resolve os negócios da guerra por vontade absoluta, ele ordena as estratégias e táticas da guerra.

8) A maneira de vestir-se em Palmares. “O modo de vestir entre si é o mesmo que usam entre nós, mais ou menos “enroupados, conforme as possibilidades”. (FREITAS, 2004, p.25).

9) A língua falada em Palmares: em inúmeros documentos dá-se a entender que os negros palmarinos falavam português. Mas fala-se também de “línguas”, de interpretes, e se o governador enviou “línguas” a Palmares, significa que os palmarinos falavam suas próprias línguas e eram das mais diferentes procedências.

10) As Comunidades Remanescentes de Quilombos - Lutam, hoje, pela continuidade dos princípios que na dinâmica da sociedade contemporânea revivem valores sociais, culturais e políticos das civilizações africanas que fundamentalmente constituem a sociedade brasileira e a cultura nacional.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Mundinha. *Insurreição de escravos em Viana*. São Luís: SIOGE, 1994.

ARAÚJO, Zezito. Contribuição da obra de Décio Freitas ao entendimento da epopéia palmarina e sua importância na formação da sociedade brasileira. In: FREITAS, Décio. *República de Palmares: pesquisa e comentários em documentos históricos do século XVII*. Maceió: EDUFAL; IDEÁRIO, 2004.

BENJAMIN, Roberto A. *África está entre nós*. São Paulo: Grafiset, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Uma história do povo Kalunga*. Brasília, 2001.

CENTRO DE CULTURA NEGRA DO MARANHÃO (CCN/MA). *Projeto vida de negro. Terras de preto no Maranhão: quebrando o mito do isolamento*. São Luís, 2002. v.3. (Coleção Negro Cosme).

FREITAS, Décio. *República de Palmares: pesquisa e comentários em documentos históricos do século XVII*. Maceió: EDUFAL; IDEÁRIO, 2004.

ILÊ AIYÊ. *Caderno de educação terra de Quilombo*. Salvador, v.8, 2000.

LINHARES, Luiz Fernando. *Comunidade negra rural: um velho tema, uma nova discussão*. *Revista Palmares em Ação*, v. 1, n. 1, 2002.

NASCIMENTO, Abdias. *O Quilombismo*. Petrópolis: Vozes, 1980.

PRICE, Richard. *Palmares como poderia ter sido*. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). *Liberdade por um fio: história do quilombo no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

REIS, João José. *Uma história da liberdade*. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). *Liberdade por um fio: história do quilombo no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes; CARDOSO, Marcos. *Zumbi dos Palmares*. Belo Horizonte. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.